

FMI DESEMBARCA HOJE EM BRASÍLIA

Daniela Mendes
Correspondente

Nova York — Uma missão técnica do Fundo Monetário Internacional (FMI) desembarca hoje em Brasília para preparar a chegada dos funcionários de alto escalão da instituição, prevista para início de fevereiro. Os técnicos recolherão dados econômicos e financeiros junto ao governo até a chegada da missão negociadora, chefiada por Teresa Ter-Minassina, diretora-adjunta do departamento do Hemisfério Ocidental.

Esta é a primeira revisão do acordo fechado em novembro passado entre o FMI e o Brasil. Ela permitirá o desembolso de US\$ 9,5 bilhões, a segunda parcela do empréstimo de US\$ 41,5 bilhões concedido ao país.

Na prática, porém, ao invés de checar o andamento do acordo, governo e o Fundo terão de definir novos parâmetros, pois a desvalorização do real modificou os pressupostos acordados anteriormente.

Enquanto isso, o Brasil continua no centro do noticiário econômico internacional. O país recebeu on-

tem mais uma má notícia: a agência de classificação de risco Duff & Phelps Credit Rating Service (DCR), sediada em Chicago, divulgou um comunicado afirmando que o risco de o Brasil dar um calote na dívida interna é de quase um terço.

PÂNICO

Segundo a Duff & Phelps, o governo pode "ser forçado a reestruturar sua dívida em reais no meio do ano, a menos que as taxas de juros comecem a cair". Desde que o Banco Central liberou o câmbio, os juros seguiram a trajetória inversa e subiram, por determinação do FMI.

"A ameaça de uma moratória na moeda local é agora bastante alta", diz Jaime Sanz, diretor de classificação de risco para América Latina. No comunicado, a Duff & Phelps lembra o caso da Rússia, que suspendeu o pagamento de suas dívidas em agosto passado e deflagrou uma onda de pânico no mercado, que acabou por afetar a saúde financeira do Brasil.

Sanz ressalta que o próprio Brasil já deu calote interno duas vezes nos últimos quinze anos. O mais recente

foi em 1990, na primeira semana de governo do ex-presidente Fernando Collor. Atualmente, o Duff & Phelps classifica o débito brasileiro em reais em B, e a dívida externa em BB.

Conforme a agência, é raro a dívida externa ter avaliação de risco inferior ao débito interno, mas o *rating* (classificação) atual espelha a preocupação com uma moratória doméstica.

O panorama negativo do Brasil está refletindo nas empresas privadas. A Moody's, uma das agências de classificação de risco mais importantes do mundo, rebaixou ontem cinco companhias de comunicação. São elas, Globo Cabo SA, Rádio TV Bandeirantes, Tevecap SA, Net Sat Serviços e a TV Filme. Dessas, apenas a Globo Cabo não está com perspectiva negativa, na avaliação da agência.

REBAIXAMENTO

Segundo a Moody's, os rebaixamentos ocorreram porque essas companhias têm dívidas elevadas em dólar e o cenário de desaceleração econômica, agravado pela desvalorização do real e altas taxas de juros, piora a perspectiva.

"As empresas estão pesadamente expostas a esses eventos, dado o considerável desequilíbrio entre seus fluxos de receita e seus custos, predominantemente em dólar", explica a agência.

Apesar de permanecer um clima de incerteza, o índice Dow Jones da bolsa de Nova York fechou em alta de 0,91% depois de começar o dia em baixa. Como era feriado em São Paulo, o Dow Jones não sofreu os efeitos da bolsa paulistana e subiu no final da tarde por causa de informações de lucros de empresas norte-americanas.

Na maior parte do dia, porém, o clima do pregão foi de nervosismo, por causa da crise brasileira e dos boatos de desvalorização do yuan, a moeda da China. Um jornal chinês controlado pelo governo publicou uma notícia de que a recepção positiva dos mercados financeiros à liberação do real tem levado alguns analistas a acreditar que a flutuação do yuan pode não ser uma má idéia. O governo chinês desmentiu a informação de que vá desvalorizar a moeda.

Jorge Cardoso 19-11-97



Ter-Minassina, diretora do FMI: revisão do acordo fechado em novembro